

Uma reflexão necessária

É impressionante a falta de sensibilidade dos empresários do setor de hotéis, restaurantes e bares em relação à remuneração de seus empregados.

Todos nós sabemos que nosso País tem potencialidade gigantesca para o desenvolvimento do turismo. Todos nós sabemos, também, que é de suma importância nesse setor o aprimoramento profissional, principalmente no manejo com idiomas estrangeiros, além de razoável correção no uso do nosso português.

Agora, essa preocupação começa a tomar corpo em função dos grandes eventos desportivos que serão sediados pelo Brasil. Evidentemente, para que se tenham profissionais a esse nível, faz-se necessário que os empresários do setor sejam também aperfeiçoados, pelo menos ao ponto de serem capazes de entender o óbvio. Por exemplo: entender que não se pode exigir uma qualificação razoável sem uma correspondente remuneração, ou seja, igualmente razoável. Isso é o óbvio. Todavia, para que se tenha uma ideia da insensibilidade humanitária e da incompetência empresarial reinante no setor, basta a constatação de que o melhor piso salarial da categoria no País, que é o do SINTHORESP, R\$770,56, é duzentos reais a menos do que o piso da construção civil, para um servente de pedreiro. É claro que todo trabalho é digno e de grande importância social. Porém, não se ter a sensibilidade para entender que o atendimento ao público requer melhor qualificação é declarar-se incompetente como empresário. É declarar-se retrógrado ao ponto de não inspirar a menor esperança de contribuição para o desenvolvimento setorial de que tanto carece o Brasil.

Recentemente, o Jornal “O Estado de São Paulo” publicou uma entrevista com um profundo conhecedor da hotelaria, de origem suíça, que esteve em visita ao Brasil, o qual observou a falta de estímulo aos profissionais que ocorre em nosso País, onde a remuneração é muito baixa e não há por parte do empresário hoteleiro interesse em aproveitar aqueles profissionais que concluem cursos universitários especializados etc. O jornal foi exibido aos representantes patronais, integrantes da comissão do sindicato da categoria econômica, em mesa de negociações realizada recentemente. Chega a ser angustiante e revoltante quando, nas negociações que estão ocorrendo agora, para quem tem data base em 1º de julho, a postura radical dos representantes patronais: a razoável pretensão dos trabalhadores, no sentido de obterem aumentos reais graduativos, até que se alcance o valor que está sendo pago na Construção Civil, a um servente de pedreiro, é rechaçada principalmente pelos representantes de grandes hotéis e de luxuosos restaurantes, que oferecem como contraproposta pagar apenas 70% da inflação acumulada.

Ora, pagar menos do que o índice inflacionário acumulado é o mesmo que propor uma redução de ganho. Significa que esses patrões, ao contrário do que se pudesse esperar, acham que trabalhadores com a qualificação que a realidade está a exigir – bom nível de instrução e conhecimento de pelo menos um idioma estrangeiro, - devem se distanciar, para baixo, do quanto ganha um servente de pedreiro. Que lástima! Uma vergonha nacional! Isso acontece no momento de maior aquecimento na hospedagem, com os hotéis e restaurantes abarrotados de clientes.

O retrocesso patronal começa a revelar uma grosseiria de proporção tal, que chega às raias da ofensa moral. Sim, porque demonstra arrogância e instinto escravocrata e isso ofende a cidadania.

Urge uma requalificação dos empresários deste setor para que alguma evolução se possa esperar para o Turismo do Brasil.

Ao Senhor Ministro de Estado do Turismo: se alguma coisa Vossa Excelência pode fazer, não perca tempo, por favor. Requalifique os empresários e não gaste o dinheiro público na qualificação da mão de obra enquanto não houver estímulo para a permanência de trabalhadores qualificados no setor. A menos que se admita que o Turismo seja uma atividade de menor importância para o Brasil.

Ressalte-se que o salário mínimo a que se refere o Inciso IV, do Art.7º, inserido no Capítulo II – DOS DIREITOS SOCIAIS – na Constituição Federal, equivalente, atualmente, segundo estudo do DIEESE, a mais de R\$.2.200,00. Aliás, atualizando-se o salário mínimo concedido por Getúlio Vargas em 1954, chega-se de igual modo a valor semelhante. Logo, a consciência humana está a sugerir que sejam concedidos aumentos de forma paulatina na direção desse ganho essencial. É questão de ética, de cidadania, de amor à Pátria.

Lembraí senhores, que a economia dos Estados Unidos da América do Norte chegou a ser a maior do planeta porque pode contar com empresários de visão como Henry Ford, que elevou o salário mínimo de três para seis dólares semanais.

Francisco Calasans Lacerda
SINTHORESP, CONTRATUH E NCST.

